

---

## **Telejornalismo e Cidadania: Um Estudo Sobre as Práticas Jornalísticas em Bojack Horseman<sup>1</sup>**

Brenda Caroline Santos da SILVA<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA  
Sandy Swamy Silva do NASCIMENTO<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI  
Leila Lima de SOUSA<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar de que forma a prática jornalística é representada na série animada Bojack Horseman. A série satiriza a sociedade americana, com foco nas celebridades, criando uma narrativa frívola onde os programas jornalísticos são pautados pela agenda dos famosos, em detrimento de assuntos mais relevantes. Com base nisso, foram selecionados três episódios que abrem discussão sobre a postura do jornalista diante de assuntos delicados tais como aborto, porte de armas e assédio sexual. Utilizamos o método de análise de conteúdo baseado nos estudos sobre a representação de minorias em telejornais de Kelly Scoralick. Constatou-se que a série reproduz muitos comportamentos que são identificados nas práticas dos veículos tradicionais. Sobretudo nas hierarquias de gênero, ou seja, mais que postura jornalística, também práticas sexistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bojack Horseman; Telejornalismo; Mulher; Netflix; Cidadania.

### **1. INTRODUÇÃO**

Bojack Horseman, série animada produzida e transmitida pela Netflix<sup>5</sup>, iniciada em 2014 e com exibição final em 2020, possui seis temporadas, se consagrou como um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – 9. IJ08 Estudos Interdisciplinares da Comunicação- XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. UFMA. Integrante do Núcleo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis E-mail: [brendacarolinejor@gmail.com](mailto:brendacarolinejor@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestranda do Curso de Políticas Públicas na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Núcleo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis E-mail: [swamy9521@gmail.com](mailto:swamy9521@gmail.com).

<sup>4</sup> Professora do curso de jornalismo da UFMA/ Imperatriz. Vice-coordenadora do Núcleo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis. Doutora em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Email: [sousa.leila@ufma.br](mailto:sousa.leila@ufma.br)

<sup>5</sup> Netflix é uma empresa produtora e distribuidora do ramo de vídeos sob demanda.

sucesso televisivo e fenômeno cultural, ficando em décimo sétimo lugar<sup>6</sup> no ranking de popularidade do IMDB<sup>7</sup> na categoria “série animada de TV”. A série é ambientada em um mundo onde animais antropomórficos e humanos convivem em igualdade. O ator Bojack Horseman, cujo único sucesso na carreira foi uma sitcom dos anos noventa, contrata a escritora fantasma Diane Nguyen para escrever sua biografia e assim voltar aos holofotes. Iniciando uma jornada em busca da fama, a série guia o telespectador por uma densa sátira do mundo das celebridades e da solidão latente proveniente da exposição e julgamentos constantes aos quais as personagens se submetem.

Por se tratar do dia a dia de artistas de TV, boa parte dos 77 episódios gira em torno da repercussão de notícias sobre si ou de tentativas de virar notícia. Colaborando com esse cenário, há na série dois tipos de noticiários: um programa matinal que funciona como agenda dos famosos e boletim de fofocas do tipo *soft news*, e um jornal no estilo estadunidense com um âncora na bancada, em teoria dedicado às *hard news*.

Aqui entende-se por *soft news* e *hard news* a definição proposta por Sousa (2002), sendo o critério de noticiabilidade das *hard news* aquilo que causa impacto, polêmica, relacionada ao governo, notícias factuais, tragédias, justiça, drama, proximidade, relevância e complexidade; e das *soft news* matérias frias relacionadas ao cotidiano da audiência, curiosidades e entretenimento.

Tal característica valida a relevância de estudar de que forma são construídas as representações sociais nesse segmento da indústria cultural. Por isso, o presente artigo visa analisar de que modo a série animada Bojack Horseman representa a relação do jornalismo televisivo com os conflitos sociais. Tendo em vista que a série possui alto teor de discussões relacionadas a questões de gênero, discurso feminista e discussões políticas, foram selecionados três episódios para a pesquisa qualitativa, com levantamento bibliográfico e o método de análise de conteúdo para observar de que forma esta série relaciona a ética jornalística ao modo como ela lida com temas sensíveis da sociedade.

---

<sup>6</sup> IMDB - Highest Rated Animation TV Series:

[https://www.imdb.com/search/title?genres=animation&title\\_type=tv\\_series,mini\\_series&explore=genres&pf\\_rd\\_m=A2FGELUUNOQJNL&pf\\_rd\\_p=b5e7d12d-f770-44d0-b040-dc7cde53a6b4&pf\\_rd\\_r=PRFPKA8SDWGZQZK70JYX&pf\\_rd\\_s=center-7&pf\\_rd\\_t=15051&pf\\_rd\\_i=genre&ref\\_=ft\\_gnr\\_tvpop\\_3](https://www.imdb.com/search/title?genres=animation&title_type=tv_series,mini_series&explore=genres&pf_rd_m=A2FGELUUNOQJNL&pf_rd_p=b5e7d12d-f770-44d0-b040-dc7cde53a6b4&pf_rd_r=PRFPKA8SDWGZQZK70JYX&pf_rd_s=center-7&pf_rd_t=15051&pf_rd_i=genre&ref_=ft_gnr_tvpop_3)

<sup>7</sup> Internet Movie Database refere-se a uma base de dados online de informação sobre mídias em geral pertencente ao grupo Amazon.com.

---

Até mesmo a disposição das personagens envolvidas com as práticas jornalísticas na série aponta o tom crítico do autor em relação ao espaço legado à mulher dentro das organizações jornalísticas. Haja vista que a atração matinal dedicada às fofocas é co-apresentada por um rodízio de mulheres, geralmente caracterizadas como subcelebridades, atrizes ou modelos, que não expressam opiniões e demonstram comportamentos levianos, enquanto seu colega apresentador permanece o mesmo ao longo das seis temporadas e demonstra papel de liderança. Não bastando, o jornal *hard news* tem sua bancada liderada apenas por uma figura masculina, com poucas participações femininas, sendo essas muitas vezes controversas, como exemplificaremos ao longo da análise.

Tal representação, ainda que fictícia, pode ser relacionado ao que foi exposto pelas pesquisas de Beffa (2017 apud LIMA, 2020), em relação à discrepância de vozes masculinas e femininas no jornalismo, esta última prefigurando em menor espaço, sendo menos ouvida, tendo menos expressividade em matérias e sendo consultada em caráter de opinião pessoal sobre algo e raramente como especialista.

## 2. TELEJORNALISMO, CIDADANIA E PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

É inegável que, de forma geral, a mídia interfere na construção de identidade, sendo o telejornalismo um dos meios mais influentes para que isso ocorra. No caso das minorias são retratadas em jornais, muitas vezes, com discurso regado de preconceitos, tanto no que diz respeito ao espaço disponibilizado quanto aos termos e nomenclaturas utilizados. Conforme afirma Scoralick (2009, p. 192).

O principal em questão não é o meio utilizado para veicular essas mensagens, mas sim o modo pelos quais são produzidas, visando a que não ocorra o repasse de preconceitos. Mas não se pode negar que entre os *mass media*, temos como grande fator de influência sobre a sociedade o discurso da televisão e, conseqüentemente, como meio de conhecimento das minorias, sua representação nos telejornais.

A autora destaca ainda que o jornalismo televisivo desempenha papel relevante no exercício da cidadania, uma vez que está “[...] atrelado à função de prestador de serviço público” (SCORALICK, 2009, p. 193). É importante salientar que quando falamos de minorias estamos nos referindo a um grupo de pessoas que possui menor

---

representatividade em direitos, não se referindo em momento algum a valores quantitativos, estabelecidos pelo status de “[...] quem está dentro e quem está fora dos jogos de poder das relações político-econômicas” (SCORALICK, 2009, p. 194).

Por essa lógica, o jornalista tem sido, ao longo dos anos, grande fonte de inspiração no cinema. Sua rotina de trabalho, conduta e ética profissional aparecem em cena geralmente atribuídos a jogos políticos, como em *Cidadão Kane* (1941) e em *Conspiração e Poder* (2015), sensacionalismo e comportamentos questionáveis do ponto de vista moral, como mostrado em *O Abutre* (2014), ou como o profissional incansável que não mede esforços para trazer a verdade à tona, visto em *A Primeira Página* (1974).

É válido inferir, baseado nos exemplos acima, que um dos motivos pelos quais o jornalista chama atenção no cinema se deve à ideia do jornalista como agente manipulador da opinião pública através dos veículos de comunicação, conforme Araújo (2008, p. 126) “[...] a opinião pública afirma-se de forma difusa, a partir do discurso filosófico e da argumentação plural de normas, valores, ideias e aspirações coletivas, pensados em função dessa entidade superior que é o público”, que surge de uma reflexão crítica sobre assuntos de interesse geral.

Segundo Travancas (2001), o jornalista é definido como um habitante da cidade e, por isso, está intimamente relacionado com suas particularidades. Dessa forma o jornalismo incorpora características da vida urbana, de modo que o fator determinante que transforma um fato em notícia está intimamente ligado aos interesses da sociedade no seu tempo, e o jornalista incorpora esses interesses à sua rotina de trabalho.

No mesmo sentido, as produções audiovisuais cumprem o mesmo papel, principalmente filmes e séries que possuem uma fatia notável do mercado da indústria cultural, tanto por conta de sua produção em larga escala quanto pela audiência constante e diversificada. Além disso, a facilidade de meios para consumir esse produto contribui para sua propagação massiva. À medida em que a internet ocupa mais espaço em nossa rotina e torna-se cada vez mais acessível, os seriados que antes eram exclusividade dos canais de TV a cabo e, em seguida, repassados para a TV aberta como meros “tapa-buracos” na programação, ganharam destaque.

Dada a sua abrangência sobre uma larga audiência e seu grande volume de produção, estes produtos, ao mesmo tempo em que se alimentam de bens simbólicos produzidos na chamada vida real, se tornam, eles

---

próprios, produtores de novas formas de pertencimento e atribuição de sentido à vida ou a aspectos da vida (GOMES, 2013, p. 86).

O sucesso explosivo de séries como *La Casa de Papel*, *House of Cards*, *Stranger Things*, *13 Reasons Why*, dentre outras exibidas pela Netflix, demonstram que essas narrativas podem funcionar como via de mão dupla, no sentido de que elas atraem a audiência utilizando-se de verossimilhança por representarem variados aspectos do cotidiano e das relações humanas, ou seja, inspiram-se em fatos da vida comum. Mas também são capazes de influenciar a opinião pública e fomentar debates a partir do enfoque com que esses assuntos são tratados.

Isto posto, se faz relevante questionar qual o enquadramento dado a temas sensíveis como o direito ao aborto, assédio sexual e porte de armas dentro dessas representações fictícias e, neste caso específico, em *Bojack Horseman* – série em que pautas feministas são apresentadas ao público, em maior ou menor grau, em quase todos os episódios da série e reproduzem ficções dos papéis de gênero e raça, como discute Hooks (2017, p. 492).

Há, portanto, uma violência contra a imagem das mulheres negras. Muitas mulheres não davam importância para o cinema, e outras o olhavam com cumplicidade e desejo, pois, assumindo uma postura de subordinação, essas pessoas submeteram-se à capacidade do cinema de seduzir e trair. Sua visão estava “ofuscada” pelo cinema. Cada mulher negra com quem eu conversava, que ia muito ao cinema e que gostava muito dos filmes de Hollywood, dizia que, para que se pudesse vivenciar completamente o prazer do cinema, tinha que se fechar à crítica, à análise; era preciso esquecer o racismo. Principalmente, não pensavam sobre o sexismo.

Com relação ao aborto, a pesquisa *Global Views on Abortion 2020*<sup>8</sup> que elabora uma média global sobre o tema comparando a postura de 25 países de todas as regiões do mundo, no Brasil apenas 16% dos entrevistados acredita que a mulher deve ter direito ao aborto sempre que desejar, independente das circunstâncias. Valor bem abaixo dos 44% da média global. Vale destacar que muito embora, em contrapartida, dados da Pesquisa Nacional do Aborto (DINIZ, 2016) apontem que uma a cada 5 mulheres de até 40 anos já interromperam ao menos uma gestação.

---

<sup>8</sup> “De 25 países, Brasil é o segundo menos favorável à legalização do aborto”. Disponível em: <https://bit.ly/31DVFd1>. Acesso em 22/06/2022.

---

No documento, intitulado “Dossiê Aborto Inseguro”, produzido pela Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos – Rede Saúde, explica que o aborto inseguro é um problema de saúde pública reconhecido mundialmente desde 1990, pois quando realizado sem os cuidados básicos, sem os profissionais e equipamentos necessários causam, normalmente, impactos na saúde da mulher, muitas vezes, irreversível, podendo a vítima, vir a óbito. Sabe-se que muitas dessas mortes podem ser evitadas, caso haja a descriminalização do aborto (REDE SAÚDE, 2021).

Apesar da recorrência com que é praticado, encoberto por um véu de silêncio, medo e estigma, o aborto carrega em si nuances relacionadas a questões de gênero, saúde pública, classe, raça, moralidade e religião, de forma que discussões sobre esta temática costumam ser polarizadas e a cobertura midiática sobre ela, cautelosa (BELIN; RIZZOTTO, 2021, p. 163).

No Brasil, a situação do “aborto induzido é considerado crime quando não se tratar de risco para a vida da mulher ou de gravidez resultante de estupro”, porém essa criminalização não impede que os abortos sejam realizados em locais clandestinos, em sua maioria, são as mulheres negras (pretas e pardas), que são impedidas de realizar o aborto seguro, pois as mulheres brancas, de classe média alta, pagam para fazer o aborto sempre que desejam (REDE SAÚDE, 2021, p. 3).

### **3. METODOLOGIA**

Para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho que se trata de uma pesquisa com abordagem qualitativa, primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico e uma análise fílmica de três episódios da série animada *Bojack Horseman*, extraídos de três temporadas diferentes, a partir da técnica de análise de conteúdo. Para a escolha dos episódios analisados, fizemos uma pré-seleção de episódios nos quais a maior parte da trama girava em torno dos noticiários e, dentre esses, optamos pelos que estavam relacionados a questões de gênero por entender que estes partem de uma discussão em voga nos noticiários fora da ficção.

Após a pré-análise utilizou-se a Análise de Conteúdo (AC) para compreender os sentidos dos episódios, a AC “[...] refere a um método das ciências humanas e sociais

---

destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa” (FONSECA JUNIOR, 2006, p. 280).

Vale ressaltar ainda que a análise de conteúdo emprega o discurso presente em diversos tipos de materiais e, neste caso, o audiovisual, quando permite a “análise de mensagens” (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 286). Utilizou-se a análise de conteúdo, através da abordagem qualitativa, justificado na premissa da inferência que “[...] é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre aspectos latentes da mensagem analisada” (FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 284).

Buscamos identificar nos episódios aspectos que estão de acordo com os conceitos das práticas jornalísticas, analisando os fenômenos que se enquadram ou não nos comportamentos observados em telejornais. Assim, a análise de conteúdo possibilitou identificar que nos três episódios os temas centrais são telejornalismo, porte de armas, assédio sexual e aborto.

### **3.1 “O LADO ESCURO DE HANK”**

Episódio da segunda temporada da série conta a história de Hank Hippopalous, um carismático ator e apresentador de TV que foi acusado de abuso sexual por oito ex assistentes. O caso volta a público quando a escritora Diane Nguyen comenta sobre homens famosos que cometeram crimes e saíram impunes, e entre os exemplos citados relaciona-se o nome do apresentador.

A discussão então vira pauta no principal jornal, cujo âncora, um homem, faz a seguinte chamada “Nossa matéria principal: acusações hipócritas e impopulares sobre Hank Hippopalous”, depois ele media o debate entre Diane e uma mulher comentarista, Cardigan Burke, que se apresenta como especialista em assuntos sobre o artista acusado como mostra a figura 1:

Figura 1 - Mesa redonda sobre assédio sexual



Fonte: Bojack Horseman (2014)

O debate, que deveria ser mediado pelo apresentador, torna-se tendencioso quando ele indiretamente se posiciona a favor de Hank e interrompe a escritora em suas falas. Após o encerramento do debate, o apresentador prossegue com os seguintes questionamentos: “mas quem são essas mulheres? Elas bebem? Usam shorts curtos?”, com a intenção de descredibilizar as vítimas.

Ao longo do episódio é possível observar a opinião pública se voltando não contra o acusado, mas sim contra as mulheres que o denunciaram e, principalmente, contra Diane. Tal desdobramento dialoga com a opinião da autora que afirma em seu texto que “as práticas sociais são consequências das discursivas” (SCORALICK, 2009, p. 192).

Também é importante ressaltar que, no caso dos desdobramentos que envolvem a personagem Diane Ngyen, e no que tange a formação da opinião pública a seu respeito, há ainda o peso de sua descendência vietnamita, que inclusive é questionada em outro ponto deste mesmo episódio, pois a comentarista favorável a Hank é considerada legitimamente americana, enquanto Diane é vista como estrangeira embora seja nascida nos Estados Unidos, ou melhor dizendo, além do marcador social de gênero, o discurso é também atravessado pelos marcadores de território, etnia e raça.

Sobre essa questão, Hooks (2019) afirma que embora muitas mulheres sejam vítimas de políticas sexistas, isso não necessariamente crie um elo comum entre todas elas, havendo “muito mais evidências corroborando o fato de que as identidades de raça e classe criam diferenças – raramente superadas – [...] e que isso impera sobre todas as experiências comuns compartilhadas pelas mulheres.” (HOOKS, 2019, p. 28)

Tendo suas falas constantemente cortadas na mídia tradicional, Diane recorre ao site *Buzzfeed* para publicar a história das vítimas de Hank. Dessa forma, faz a informação circular integralmente rompendo com a dependência aos grandes meios de comunicação,



reiterando o papel da internet como uma alternativa de difusão das reivindicações de minorias sociais (PERUZZO, 2022, p. 5).

Figura 2 - Hank se explica no jornal



Fonte: Bojack Horseman (2014)

Na figura dois, que exibe o final do episódio, vemos Hank na bancada do jornal para esclarecer a polêmica numa cena que dura cinco segundos na qual o apresentador faz apenas uma pergunta vaga sem citar as acusações, recebe uma negativa e encerra o assunto. Casos como esse são comuns no dia a dia e ganharam notoriedade após o “*Me Too Moviment.*”<sup>9</sup> Entretanto, é fácil encontrar casos igualmente complexos que não tiveram a mesma repercussão, a exemplo de Morgan Freeman<sup>10</sup> sobre quem pesam acusações de 16 casos de assédio e 8 de abuso sexual<sup>11</sup>, sem que haja visibilidade para as investigações.

<sup>9</sup>Campanha criada pela feminista Taranta Burke há mais de 10 anos para compartilhar casos de assédio sexual e denunciar abusadores que ganhou força nas redes sociais após uma sucessão de denúncias contra o produtor Harvey Weinstein: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/a-verdadeira-origem-da-hashtag-me-too-usada-no-twitter-por-mulheres-que-sofreram-violencia-sexual.ghtml>.

<sup>10</sup> Morgan Freeman é um renomado ator com mais de 50 anos de carreira.

<sup>11</sup> Mais informações sobre o desdobramento do caso em: <https://gente.ig.com.br/fofocas-famosos/2018-05-24/morgan-freeman-assedio.html>.

### 3.1 “VOU FAZER UM ABORTO”

Esta frase que Diane Nguyen posta no Twitter de uma cantora adolescente, enquanto trabalha como *social media*, inicia intensos debates na mídia a respeito dos direitos das mulheres sobre o próprio corpo. No jornal, novamente, o apresentador Tom emite sua opinião pessoal ao introduzir a pauta relacionada ao aborto e questiona se o Twitter seria um bom lugar para falar a respeito do assunto, concluindo em seguida que talvez o melhor lugar para tratar do aborto seja nenhum lugar.

Figura 3 - Painel de homens discutindo aborto



Fonte: Bojack Horseman (2014)

Na figura três, quando o âncora questiona se “o conceito de mulheres terem escolhas foi longe demais”, ele complementa seu ponto de vista trazendo à bancada especialistas que, por serem homens e não poderem engravidar, são considerados fontes imparciais para falar sobre aborto.

Outro ponto importante, é que a bancada é exclusivamente masculina e branca. Com roupas idênticas, e homens mais velhos - o que também podem ser marcas do conservadorismo expresso nas 3 figuras das fontes da bancada. Apesar de ser um assunto de interesse feminino as mulheres são invisibilizadas pela editoria do jornal que não oferece representatividade nem local de fala para as principais interessadas no debate. Para Scoralick (2009, p. 196) “o problema da representação está no fato de esta reproduzir mecanismos de regulação e de controle do olhar em um jogo de visibilidade/invisibilidade que define quem são e como são os outros”.

### 3.2 SOLIDARIEDADE

Durante o último episódio ao qual propomos análise, são relatados vários atentados por arma de fogo em todo o país, tendo em comum o fato de terem sido feitos por homens, e sendo comentados brevemente nos jornais, sem aprofundamento nas discussões. Quando Diane sofre importunação sexual num estacionamento e decide ter uma arma, escreve um texto em seu blog relatando a fragilidade a qual as mulheres estão sempre expostas e o texto viraliza. Logo, muitas mulheres passam a usar armas também e subsequentemente o tema ganha espaço nos jornais. A esse respeito é interessante observar o uso da internet como um meio alternativo de “contra comunicação da cultura subalterna, colocada em antagonismo com a comunicação de massa” como cita Cicília Peruzzo (2004, p. 119), e prossegue afirmando que está também pode ser vista como “uma opção de leitura crítica, em relação à grande imprensa” (p. 119).

Fica claro que não se trata de uma discussão sobre porte de armas, e sim, mais uma vez, sobre a liberdade das mulheres e performance de papéis de gênero heteronormativos. Essa pauta repercute tanto no jornal matinal *soft news* quanto no de *hard news*. Ambos utilizando-se de trocadilhos e linguagem irônica.

Na figura 4, destaca-se também que concretamente tratam como chacota o período menstrual reforçando estereótipos de gênero. Dois homens mais uma vez, falando sobre os corpos das mulheres. Tratando o corpo feminino como diferente e inferior ao masculino, quando se trata do armamento.

Figura 4 - Homens discutem porte de armas de mulheres em talk show matinal



Fonte: Bojack Horseman

O jornal de *hard news* segue a fórmula de emitir a opinião pessoal do apresentador e mediar debates entre discursos opostos. Quando é noticiado que um dentre os muitos

assassinatos por arma de fogo foi provocado por uma mulher, o jornal apresenta uma série de entrevistas com homens abordados na rua para falar sobre como se sentem inseguros com esse novo cenário. Nenhuma mulher foi ouvida pela imprensa tradicional.

Figura 5 - Personagem masculino emite sua opinião sobre porte de armas para mulheres



Fonte: Bojack Horseman

Na sequência outro homem diz “não me sinto mais seguro andando sozinho à noite. Eu, um homem!”. A revolta masculina sobre o caso faz com que se convoque audiências no congresso sobre a questão de mulheres armadas pois, segundo um senador, “mesmo uma morte pela bala de uma atiradora já é demais”. Subsequentemente, quando se faz necessário escolher entre criar meios para que mulheres e homens se sintam igualmente seguros na sociedade ou banir o porte de armas, os senadores, todos homens, optam por banir o porte de armas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o material exposto, concluímos que a série Bojack Horseman satiriza de forma negativa o modo como o jornalismo tradicional lida com questões de gênero. Tal representação pode ser vista como uma crítica para o modo como a mídia tradicional costuma defender a integridade masculina em detrimento de quaisquer delito ou ação moralmente questionável que estes tenham cometido.

A série reafirma e naturaliza papéis de gênero e situam a mulher num lugar de subalternidade - inclusive com a regulação da fala - são sempre faladas por homens. Entra também numa discussão sobre retirada/ negação dos direitos porque não há espaço para o exercício de um direito básico e fundamental: o da comunicação/ de visibilização da

fala. O telejornalismo retratado releva-se não estar a serviço dos interesses do público, como é esperado, não segue a possibilidade de produção ou de exercício de cidadania nem possui caráter de transformação social. A série apropria-se de discurso irônico para expor como o telejornalismo de maneira geral reflete os valores tradicionais da sociedade e invisibiliza lutas sociais, contribuindo para a manutenção de poderes.

## REFERÊNCIAS

O ABUTRE. Direção: Dan Gilroy. Produção: Bold Films. Estados Unidos: Paris Filmes, 2014. HBO Max *online* (1:57:37). Disponível em: <https://www.hbomax.com/br/pt>. Acesso em: 08 jul. 2022.

A PRIMEIRA Página. Direção: Billy Wilder. Produção de Universal Pictures. Estados Unidos: Universal Pictures, 1974. DVD (1:45:03).

ARAÚJO, Ana Cristina. Opinião pública. **Ler história**, n. 55, p. 125-139, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.2260>. Acesso em: 08 jul. 2022.

BEFFA, L. C. As Fontes Femininas No Jornalismo Brasileiro. **Comunicação: Reflexões, experiências, ensino**, v. 13, n. 2, p. 121-196, 2017.

BELIN, L. L.; RIZZOTTO, C. C. Menos Estigma, Pouco Aprofundamento: Uma Análise de Enquadramento Noticioso sobre o Direito ao Aborto. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 159–187, 2021. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27609](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27609). Acesso em: 22 jun. 2022.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>. Acesso em: 25 maio. 2022.

BRRAP Brrap Pew Pew. *In*: BOJACK Horseman. Direção: Amy Winfrey. Produção: Will Arnett *et al.* USA: Netflix. 3ª temporada, episódio 06 (25 min). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/> Acesso em: 20 jun. 2022.

BUTLER, Judith. Fundamentos Contingentes: O feminismo e a questão do “pós-modernismo”. **Cadernos pagu**, n. 11, p.11-42. 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634457/2381> Acesso em: 09 set. 2021.

CIDADÃO Kane. Direção: Orson Welles. Produção: Mercury Productions. Estados Unidos: RKO Radio Pictures, 1941. HBO Max *online* (1:59:20). Disponível em: <https://www.hbomax.com/br/pt>. Acesso em: 08 jul. 2022.

CONSPIRAÇÃO e Poder. Direção: James Vanderbilt. Produção: Mythology Entertainment. Estados Unidos: Mares Filmes, 2015. Prime Vídeo *online* (2:05:39). Disponível em: <https://www.primevideo.com/>. Acesso em: 08 jul. 2022.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. Pesquisa nacional de aborto 2016. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 653-660, fev. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232017000200653&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017000200653&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 23 jun. 2022.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-304.

GOMES, Vítor Luís Menezes. O jornalista enquanto herói: uma proposta para análise das representações do jornalismo no cinema. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 85-102, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2013v10n1p85>. Acesso em: 20 jun. 2022.

HANK After Dark. *In*: BOJACK Horseman. Direção: Amy Winfrey. Produção: Will Arnett *et al.* USA: Netflix. 2ª temporada, episódio 07 (26 min). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/> Acesso em: 20 jun. 2022.

HOOKS, Bell. O olhar oposicional: espectadoras negras. *In*: BRANDÃO, Izabel; LIMA, Ana Cecília (orgs.). **Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis: Mulheres, 2017.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista Da Margem Ao Centro**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LIMA, Daniele Silva. **A presença das mulheres como fontes de informação no telejornalismo: uma análise do Jornal Hoje e do JMTV 1ª Edição**. 2020. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz. 2020.

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação Nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania.** 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa na Era Digital: Entre Utopias Freireanas e Distopias.** COMPÓS: Imperatriz, 2022.

Rede Saúde. **Dossiê Aborto Inseguro.** 2021. Disponível em: [https://redesaude.org.br/wp-content/uploads/2021/01/Dossie\\_aborto-inseguro.pdf](https://redesaude.org.br/wp-content/uploads/2021/01/Dossie_aborto-inseguro.pdf). Acesso em: 08 jul. 2022.

SCORALICK, Kelly. A representação das minorias marginalizadas no telejornalismo. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 9, n. 2, p. 191-203, 2009. Disponível em: <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/artigo2vol9-2.pdf>. Acesso em :22 jun. 2022.

SILVA, Ana Claudia Coutinho da; TORTATO, Cintia de Souza Batista. O desenvolvimento da medicina obstétrica como um modelo tecnocrático no controle dos corpos femininos. **Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão**, v. 3, n. 1, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21575/25254782rmetg2018vol3n1521>. Acesso em: 08 jul. 2022.

SILVA, Brigithy Karen Canuto. **Segredos Revelados: uma análise da representação do gatekeeper no filme Spotlight.** 2018. 74 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2018.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo.** Argos: Chapecó, 2002.

THOUGHTS and Prayers. *In*: BOJACK Horseman. Direção: Amy Winfrey. Produção: Will Arnett *et al.* USA: Netflix. 4ª temporada, episódio 05 (26 min). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/> Acesso em: 20 jun. 2022.

TRAVANCAS, Isabel. **Jornalista como personagem de cinema.** *In*: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande, 2001. **Anais** [...]. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/126095204111040878962932586357600200383.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2022.